

Perfil epidemiológico de casos de esquistossomose mansônica na região Nordeste do Brasil, no período de 2010 a 2015

**Kamila K. dos S. Oliveira¹; Leyllane R. Moreira¹; Jorge B. O. Júnior¹;
Marcela V. Freire¹; Marília G. S. Cavalcanti^{2,3}; Lúcio R. C. Castellano⁴;
Joelma R. Souza^{2,3,4}; Bruno S. Gomes⁵**

¹Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 50670-901 Recife, PE, Brasil. Email: kamilakassia@outlook.com ²Departamento de Fisiologia e Patologia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pessoa, PB, Brasil. ³Pesquisador, Núcleo de Medicina Tropical (NUMEDTROP), Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba (UFPB); ⁴Grupo de Estudos e Pesquisas em Imunologia Humana-GEPIH, Escola Técnica de Saúde da UFPB, Universidade Federal da Paraíba. ⁵Laboratório Central (LabCenCB/Setor de Análises Clínicas de Microbiologia Clínica), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil.

A esquistossomose mansônica é uma doença parasitária tropical que tem como agente etiológico o *Schistosoma mansoni*. É considerada um problema de saúde pública no Nordeste do Brasil, onde concentram-se as prevalências mais elevadas da doença no país. O presente estudo teve como objetivo descrever o perfil epidemiológico dos casos de esquistossomose entre os anos de 2010 a 2015. Para tanto, foi realizado um estudo transversal descritivo baseado na análise de dados do Sistema de Notificação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram analisadas as seguintes variáveis: idade, sexo, escolaridade e evolução dos casos. Neste estudo, foram notificados 7.914 casos durante o período analisado. A faixa etária mais prevalente foi entre 20 e 39 anos, 36,73% (n=2.907). A maior casuística foi composta pelo sexo masculino (54,75%; n=4.333), onde no total de casos a maior incidência foi no estado do Bahia-BA (56,90%; n=4.028 casos) seguido de Pernambuco-PE com (23,65%; n=1.872 casos) em comparação com os demais estados da região nordeste. Em relação à escolaridade, 18,18% (n=1.439) cursavam entre a 1ª e 4ª série do ensino fundamental incompleto, tornando-se válido ressaltar que 36,28% dos casos não continham informação sobre escolaridade. Quanto a evolução da doença foi possível observar: casos de cura (46,12%; n=3.650), não cura (2,83%; n=224), óbitos por esquistossomose (1,90%; n=151), óbitos por outras causas (1,95%; n=153) e ignorado (47,20%; n=3736). Portanto, é fundamental um controle contínuo da esquistossomose na região nordeste do Brasil. Para prevenir a doença se faz necessário difundir para população, esclarecimentos sobre o modo de transmissão e também, bons hábitos de higiene, em especial para os grupos onde se percebe uma maior incidência da doença.

Palavras-chave: Esquistossomose mansônica, Epidemiologia, Parasitoses.